



LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Hedi Watermann¹
Maria Ângela Garghetti Silva²
Natiele Tonello³
Nádia Lúcia Nardi⁴

Resumo: Bons leitores são, geralmente bons escritores, porque a leitura faz com que os estudantes tenham um melhor vocabulário, aprender regras gramaticais e ter um bom conhecimento geral. Ensinar e aprender leitura na escola tem sido preocupação de muitos professores, e, quando os alunos têm que ler em Inglês fica mais complicado por se tratar de uma língua estrangeira. São necessárias estratégias para ajudar os estudantes a aprender. Este projeto pesquisou algumas destas metodologias de leitura para aplicação em sala. Para isso nós aplicamos uma aula na Escola de Educação Básica Rosina Nardi em Seara (SC), com alunos de 7ª série. Os resultados foram positivos. Nós estamos planejando dar continuidade a esse projeto no trabalho de final de curso.

Palavras chaves: leitura – língua inglesa – produção textual

Abstract: Good readers are generally good writers, because the reading does that the students have more vocabulary, to learn grammatical rules and to get a good general knowledge. Teaching and learning reading at school have been worried many teachers and when the students have to read in English it is more complicated because it is a foreign language. It is necessary methodologies and strategies to help them to learn. This project researched some of these reading methodologies to apply them in a classroom. So, we applied one class at Escola de Educação Básica Rosina Nardi in Seara (SC), with students of the 7ª grade. The results were positive. We are planning to continue this project in our work in the end of the Letras course.

1 - INTRODUÇÃO

O ato de ler, mesmo com toda a tecnologia colocada ao alcance do ser humano hoje, é uma prática indispensável em qualquer meio e constitui um dos fatores essenciais para aquisição do conhecimento.

Procura-se através desse trabalho observar metodologia utilizada em sala de aula, bem como compreender como o processo de leitura em língua estrangeira ocorre quando o indivíduo está em contato com o texto.

Para isso, observamos a dinâmica da sala de aula de um professor de língua inglesa da Escola de Educação Básica Rosina Nardi, 7ª série do Ensino

¹ Acadêmica da 3ª fase do Curso de Letras Trilíngüe – UnC - Concórdia

² Acadêmica da 3ª fase do Curso de Letras Trilíngüe – UnC - Concórdia

³ Acadêmica da 3ª fase do Curso de Letras Trilíngüe – UnC - Concórdia

⁴ Professora da Universidade do Contestado e orientadora da disciplina de Seminário de Prática em Letras.



Fundamental e posteriormente aplicamos um plano de aula voltado para a metodologia do ensino de leitura na língua. Juntamente com o referencial teórico aprimoramos nosso conhecimento de língua estrangeira, bem como de metodologia de ensino.

Observamos as várias formas de abordar leitura e como isso pode aprimorar a qualidade de textos lidos pelos alunos.

2 - REVISÃO DE LITERATURA

Ler é um fator decisivo na vida do estudante, pois é através da leitura que ele amplia seu conhecimento, busca informações, organiza o pensamento, amplia o vocabulário e muitas vezes, viaja pelo mundo.

Porém, ler não é uma tarefa fácil. Há leitores que correm os olhos pelas palavras enquanto sua mente permanece distante, e só percebem que não leram quando chegam ao fim de uma página, capítulo ou livro e recomeçam tudo de novo, porque de fato não aprenderam a ler.

Entendemos que a leitura, acima de tudo deve apresentar-se como algo atrativo, benéfico e bastante responsável pelo desenvolvimento de cada um, bem como da sociedade de modo geral. A leitura é uma atividade solitária, pois pode ser feita sem a participação de qualquer outra pessoa, diferente da escrita e da fala; esta requer um ouvinte, enquanto a outra necessita de uma pessoa para quem escrever.

Podemos ler por prazer ou em busca de informações. Se lermos por prazer, não exigimos muita concentração ao contrário da leitura em busca de informações, que requer muita concentração e releituras para realmente termos certeza da informação procurada. Na verdade a leitura deve fornecer aos alunos as oportunidades para o processo de total interligação da linguagem e habilidades, dando ênfase não só ao significado pelo autor e pelo leitor, mas também as estratégias para construção do significado de um texto. Para isso os professores de língua estrangeira precisam facilitar a aquisição pelos alunos de todas as pistas de linguagem relacionadas à leitura em uma língua estrangeira.



Segundo Queiroz (2003) ler não é um processo mecânico, mas um processo ativo, a mente filtra as informações recebidas, interpreta e seleciona aquelas que são consideradas relevantes. Muitos métodos e abordagens diferentes sucederam-se uns aos outros, tendo como característica comum o fato de cada um deles procurar negar a validade daquele que o antecedeu.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) destaca em linhas gerais, métodos que, em diferentes momentos, vêm sendo utilizados em língua inglesa, possibilitando aos professores maior reflexão sobre a prática. Embora obedçam a uma seqüência histórica, não quer dizer que cada método foi substituído por seu sucessor. Alguns se mantêm intactos sendo utilizados até hoje por professores em alguma parte do mundo. Totis (1991) apresenta algumas principais características de cada método.

Método Clássico ou da Gramática Tradução (The Grammar Translation Method) – É considerado o primeiro voltado para o ensino de línguas estrangeiras. Baseia-se na memorização de regras gramaticais e vocabulário, enfatizando a tradução através da leitura de textos. Não se considerava o desenvolvimento de habilidades de produção oral e de compreensão. Aliás, nem o mestre tinha a necessidade de saber falar a língua-alvo.

Método Direto (The Direct Method) - Surgiu no início do século XX como oposição a essa forma consagrada de se trabalhar a língua estrangeira. Pretendia-se que o aluno aprendesse usando diretamente a língua-alvo, e para isso exigia-se que o professor fosse nativo ou fluente nessa língua. Recursos como gravuras, objetos e movimentos corporais eram muito explorados, tendo em vista a busca da compreensão.

Método de Leitura (The Reading Method) – Surge em 1920, e não é radicalmente novo em suas técnicas. Procura-se com o conhecimento histórico do país onde é falada a língua a aprender; a gramática se subordina a leitura; retorna-se ao processo de tradução.



Método Audiolingual (The Audiolingual Method) – Baseava-se em modelos orais e intensas práticas através da qual se pretendia automatizar no aluno formas e estruturas.

Método Estrutural Situacional (The Structural-Situational Method) – Surge em 1960, vinculado ao método audiolingual, mas salientando a necessidade de garantir um contexto significativo para a prática da língua-alvo, tentando afastar-se do exercício mecânico o que não impedia de realizar a prática de padrões estruturais.

Método Cognitivo (The cognitive Code Method) – Despontado em 1965 tem como ideal a competência bilíngüe e bicultural, e por isso dá importância tanto à leitura e à produção escrita, quanto à fala e à compreensão da língua falada.

Atualmente o professor se posiciona como um profissional eclético, usa um pouco de cada método, dependendo da necessidade de cada grupo. É muito forte o uso da abordagem comunicativa, mesmo em se tratando de metodologia de ensino de leitura. A prioridade é para textos autênticos que remete o aluno à reflexão sobre acontecimentos do dia a dia e o remete a formar opinião, utilizando-se da língua estrangeira para tal.

Segundo Queiroz (ibidem) existem algumas estratégias bastante difundidas e conhecidas para desenvolver a habilidade de leitura. **Skimming** - leitura rápida para obtenção do sentido global do texto; **scanning** - leitura na qual se busca uma informação bastante específica como data, nome, número etc...; **interferência** - técnica que permite a partir das informações do texto se chegar a conclusões lógicas; identificação de **falsos cognatos**; identificação de **palavras de referência**; **associação de palavras**; organização das informações - **idéia principal, detalhes e conclusão**; leitura total do texto - leitura visando a **compreensão da mensagem** do texto, tanto nos seus aspectos essenciais quanto nos detalhes; **crítica** - leitura na qual o aluno é solicitado a apresentar sua opinião e julgamento sobre aquilo que leu e é estimulado a reagir ao texto em língua estrangeira do mesmo modo como reagiria a um texto apresentado em língua materna.



Para Almeida (2002), podemos usar a técnica da velocidade na leitura, ou seja, quanto menos entendermos mais rápido devemos ler. Mas como devemos ler mais rápido se não entendemos bem o texto? A explicação é simples: quando não estamos entendendo algo que lemos, reduzimos a nossa velocidade de leitura, abrimos mais os olhos, não piscamos, contraímos os ombros, tudo no intuito de prestar mais atenção. Ao reduzirmos nossa velocidade de leitura estamos fornecendo ao nosso cérebro uma quantidade de informações inferior á que é capaz de processar. A tendência natural é divagarmos e começarmos a pensar em outras coisas. Ao lermos mais devagar perdemos a noção do todo, impedimos nosso cérebro de ativar os conhecimentos relacionados que adquirimos de diversas formas ao longo de nossa vida.

Conforme Schültz (2006), o exercício da leitura em inglês deve-se iniciar a partir de textos com vocabulário reduzido, de preferência com uso moderado de expressões idiomáticas, regionalismos e palavras difíceis. A proximidade com o nível de conhecimento do aluno é uma condição importante, tão importante quanto o grau de atratividade do texto que deve ser de interesse do leitor. O grau de dificuldades do texto deve avançar gradativamente e o aluno deve procurar fazer da leitura um hábito freqüente e permanente. A leitura de textos mais extensos como jornais, revistas e principalmente livros é altamente recomendável para alunos de nível intermediário e avançado, pois desenvolve vocabulário e familiaridade com as características estruturais da gramática do idioma. A leitura, entretanto, torna-se inviável se o leitor prende-se ao hábito de consultar o dicionário para todas as palavras cujo entendimento não é muito claro. O hábito a ser desenvolvido é o oposto, ou seja, concentrar-se na idéia central, ser imaginativo e perseverante e adivinhar se necessário.

O leitor não deve desistir na primeira página por achar que nada entendeu. Deve prosseguir com insistência e curiosidade. A probabilidade é de que o entendimento aumente de forma surpreendente, á medida que o leitor mergulha no conteúdo do texto.



Todos os pontos de vista mencionados desafiam a visão tradicional que ainda influencia muitos professores em sala de aula. Entre muitas das concepções errôneas ainda existentes sobre o ensino da leitura, Totis (1991, p.46), destaca as seguintes: (1) a leitura implica a aprendizagem da compreensão literal antes da aprendizagem da compreensão por interferência; (2) a leitura é um conjunto de sub-habilidades que devem ser aprendidas uma a uma de modo seqüencial; (3) o significado está no texto apenas, portanto é dele que se deve extrair o significado; (4) o indivíduo deve ser proficiente na língua-alvo antes de aprender a ler.

Para Totis (1991, p.48), a leitura deve proporcionar ao aluno a capacidade de, na produção escrita, fazer anotações simples e produzir mensagens curtas. Para isso é necessário que o conhecimento da língua seja suficiente para que as produções sejam espontâneas e significativas se consolidando juntamente com as outras habilidades.

Partindo de uma posição bem realista e objetiva, o melhor jeito de trabalhar as produções oral e escrita seria promovendo seu entrelaçamento com as outras duas habilidades. Esse processo de integração envolve uma articulação de todas as habilidades entre si, de modo que aquilo que foi aprendido e praticado pelo exercício de uma delas seja reforçado ou mesmo ampliado por atividades ligadas as duas ou mais das restantes.

Conforme Holden e Rogers (2001, p.76) ao escrever em língua inglesa o aluno incorre em erros muito mais perceptíveis que na língua falada, o que os leva a evitar a produção textual.

Um problema com a redação em língua estrangeira é que alguns erros são muito mais evidentes do que quando se usa a língua falada. E isso pode limitar a habilidade dos alunos em se expressar fluentemente: há uma preocupação demasiada em não errar. E, sem dúvida a precisão é importante.

Uma das formas de minimizar o problema é certificar-se de que os alunos conheçam as estruturas e o vocabulário que devem praticar. O professor pode, como reforço, fazer uma revisão da linguagem, ou mesmo uma atividade que envolve a escrita antes da produção textual. Os erros cometidos nesta



produção textual poderão trazer para o professor a noção do que foi aprendido ou não, podendo ele, dessa forma, ter uma visão melhor do perfil do seu aluno em relação ao conteúdo aprendido.

Holden e Rogers (2001, p.79) destacam que fazer uma lista de atividades como: 1) histórias, 2) quebra-cabeças, 3) poemas, 4) descrições, 5) entrevistas, entre outras, levando em conta a idade do aluno, pode ser de grande valia para o professor no ensino da língua.

Poderíamos tornar essa discussão sobre produção escrita bem mais ampla, porém nosso interesse maior é a leitura, mas podemos observar nos breves comentários feitos que como a leitura, a produção de textos também requer métodos para que o professor extraia dos alunos o melhor e o planejamento envolvido nas atividades facilitam ao professor o ensino-aprendizagem.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente projeto foi desenvolvido no período de fevereiro a junho, na disciplina de Seminário de Prática em Letras III, envolvendo a disciplina de Língua Inglesa III.

O objetivo do projeto era conhecer os mecanismos de ensino/aprendizagem que norteiam a sala de aula de língua inglesa especificamente sobre a habilidade de leitura. Para isso realizamos o trabalho de pesquisa de campo na Escola de Educação Básica Rosina Nardi, no município de Seara, SC, com alunos de 7ª série do Ensino Fundamental.

No momento da observação notamos que seria interessante um trabalho no sentido de despertar o interesse dos alunos pela leitura, mostrando que não é necessário saber a tradução de todas as palavras, ou mesmo saber tudo de inglês, para poder compreender os textos lidos. “Existem algumas estratégias bastante difundidas e conhecidas para desenvolver a habilidade de leitura.” (QUEIROZ, 2001)

Para preparar uma aula sobre *reading* consultamos bibliografias específicas sobre o assunto. Com base na teoria consultada utilizamos o método



skimming – leitura rápida para a obtenção do sentido global do texto; *interferência* – técnica que permite a partir das informações do texto se chegar a conclusões lógicas e *leitura total do texto* visando à compreensão da mensagem.

Observamos na aplicação do plano de aula que os alunos sentem uma enorme dificuldade na leitura,

O exercício da leitura em inglês deve-se iniciar a partir de textos com vocabulário reduzido, de preferência com uso moderado de expressões idiomáticas, regionalismos e palavras difíceis. A proximidade com o nível de conhecimento do aluno é uma condição importante, tão importante quanto o grau de atratividade do texto que deve ser de interesse do leitor. O grau de dificuldades do texto deve avançar gradativamente e o aluno deve procurar fazer da leitura um hábito freqüente e permanente. (SCHÜLTZ, 2003, p.3).

Diante das perguntas feitas com o auxílio das gravuras, percebemos que todos queriam falar ao mesmo tempo, cada um queria ser o primeiro a dar sua opinião, fazendo com que nós tivéssemos que parar o trabalho e organizar a turma de forma que todos pudessem falar. “Uma das primeiras tarefas do professor é fazer com que o aluno se aproxime do texto em língua estrangeira da mesma forma com que faria com o texto em língua materna.” (TOTIS, 1991, p.38).

Como leitor o aluno deve participar ativamente no processo de compreensão, bem como no processo de produção escrita. Ser ativo significa entre outras coisas, poder produzir sentido, servir-se de seus conhecimentos prévios, levantar hipóteses a respeito da organização do texto e principalmente entender que ninguém precisa descobrir tudo ou estudar tudo em um texto.

O leitor faz uso de seu conhecimento do mundo, de seu conhecimento pragmático, discursivo, sintático, morfológico e fonológico na construção e reconstrução do significado. (TOTIS, *ibidem*, p.34).

Na tradução das palavras desconhecidas notamos que havia muitas dificuldades, não pelo desconhecimento dos significados, mas por falta de atenção, de associação com o português, pois há uma interação dialética entre



as duas línguas uma vez que, o aluno pode transferir para a nova língua o sistema de significados que já possui na sua própria.

O que se nota ao observar um aluno que aprende leitura em língua estrangeira é seu apego maior a determinados aspectos estruturais do texto (correspondência de som-letra, sílabas, morfemas e palavras) do que com unidades maiores. Enquanto estabelece uma “luta” com a língua tem sua atenção desviada e, dessa forma, deixa de ter acesso a maior número de informações, afastando-se assim para uma aproximação mais direcionada para o significado. “Portanto, os professores de uma língua estrangeira precisam facilitar a aquisição pelos alunos de todas as pistas de linguagem relacionadas à leitura em uma língua estrangeira.” (TOTIS, *ibidem*, p.35).

Ao se reunirem em grupos os alunos não tiveram problemas em trabalhar em conjunto, pois todos participaram para serem os primeiros a concluir a atividade. Nos surpreendemos com a facilidade com que os alunos conseguiram montar o texto apenas ouvindo a leitura.

Diante do exposto, verificamos que para o aluno aprender a ler em uma língua estrangeira é necessário que o professor desenvolva neles a habilidade de linguagem como: vocabulário, estrutura, discurso; bem como as habilidades lingüísticas, *skimming*, *scanning*, *predicting*, etc. O professor, então, estará se preocupando em demonstrar ao aluno que o processo de leitura não é só a compreensão de cada palavra do texto, mas sim um processo que engloba várias estratégias e técnicas.

O enfoque para o desenvolvimento para a compreensão da leitura visa desenvolver no aluno estratégias de leitura, ao mesmo tempo em que busca conscientizá-lo dessas estratégias, tornando-o um leitor eficiente em língua estrangeira ou materna, seja qual for o assunto lido.

Usar diferentes métodos para ensinar a ler, faz com que os alunos tenham mais interesse na leitura, internalizem o conhecimento no decorrer do curso, se sintam mais estimulados e entusiasmados a aprender. A função dos textos de leitura é fornecer informações aos alunos, sendo a tarefa destes compreendê-las.

CONCLUSÃO



- o ato de ler, mesmo com toda a tecnologia colocada ao alcance do ser humano hoje, é uma prática indispensável em qualquer meio e constitui um dos fatores essenciais para aquisição do conhecimento;
- usar diferentes métodos para ensinar a ler, faz com que os alunos tenham mais interesse na leitura, internalizem o conhecimento no decorrer do curso, se sintam mais estimulados e entusiasmados a aprender;
- é importante mostrar ao aluno, que não é necessário saber a tradução de todas as palavras, ou mesmo saber tudo de inglês, para poder compreender os textos;
- bons leitores são também, em sua maioria, bons escritores, pois a leitura propicia a amplitude de vocabulários, o conhecimento de regras gramaticais implícitas e principalmente um amplo conhecimento geral;
- trabalhar em conjunto é sempre uma forma de transmitir conhecimento entre alunos;
- deve-se adotar procedimento que promovam a capacidade de aprendizagem tendo em vista a aquisição de conhecimento, habilidades e o desenvolvimento de atitudes e valores, que possibilitem a formação de um cidadão mais preparado para atuar em uma sociedade altamente competitiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. Como Ler - Disponível em <<http://www.idph.net/artigos/gerais>> Acesso em (25/04/2006).

HOLDEN Susan; ROGERS Mickey. O ensino da língua inglesa. São Paulo: Special Books Services Livraria, 2001.

QUEIROZ, Vera. Dicas referentes á leitura de Textos (II) – Estratégias de Leitura. Disponível em <<http://www.vemconcursos.com/opinião>> Acesso em (25/04/2006).

SANTA CATARINA, Secretária de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular. Florianópolis: Cogen, 1998.



Revista Voz das Letras



SCHÜLTZ, Ricardo. Interpretação de Textos – Tips on Reading English for Brazilian. Disponível em <[http:// www.sk.com.br](http://www.sk.com.br) > Acesso em (18/04/2006).

TOTIS, Verônica Pakrauskas. Língua inglesa: leitura. São Paulo: Cortez, 1991.